



ANA-LÉTICAS DAS DIFERENÇAS: um pouco de muita coisa, mas, sem pretensão de ser tudo sobre arte, cultura e conhecimento, para todos os corpos di-(re)ferentes¹

ANÁ-LISIS DE LAS DIFERENCIAS: un poco de todo, pero sin pretender abarcar todo lo relacionado con el arte, la cultura y el conocimiento, para todos los cuerpos *di-(re)ferentes*

ANA-LYTICS OF DIFFERENCES: a little bit of everything, but without pretending to be all about art, culture, and knowledge, for all bodies that are *di-(re)fferent*

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²

¹ Este texto está vinculado a um projeto de pesquisa em desenvolvimento como estágio pós-doutoral (FAALC/UFMS e Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador – 2025) – “A/arte como Epistemologia Descolonial: para Pensar-Fazer-Sendo Descolonizado/a o ensino, a pesquisa e a produção” –, vinculado ao Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq. Os títulos em línguas estrangeiras – espanhol e inglês americano – foram adaptados a partir da interpretação dos termos “ana-lética”, “diferente” e “referente” em língua portuguesa, a partir do meu corpo que pensa-faz-sendo, a fim de dar-lhes o mesmo sentido.

² Marcos Antônio Bessa-Oliveira é Professor da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul nos cursos de Dança e Teatro e no PROFEDUC – mestrado e doutorado. É líder do Grupo de Pesquisa NAV(r)E (UEMS/CNPq); é membro dos Grupos de Pesquisa NECC e do Grupo de Pesquisa Estudos Visuais (UNICAMP/CNPq). ORCID iD – <http://orcid.org/0000-0002-4783-7903>. Email: marcosbessa@uem.br.

Resumo: Este texto pretende ser uma re-flexão sobre algumas coisas, na verdade um pouco de muita coisa, mas sem nenhuma pretensão de ser tudo sobre arte, cultura e conhecimento, para todos os corpos que são considerados di-(re)ferentes: diferentes e ao mesmo tempo corpos que são referentes das coisas que aqui serão tratadas, seja pelo aspecto das coisas que lhes são negadas, sejam pelos aspectos das coisas que esses corpos produzem, mas que não são consideradas pelos sistemas de arte, cultura e educação. Tais re-flexões não serão limitadas aos saberes acadêmicos, menos ainda aos conceitos que circulam em espaços disciplinares. Por causa disso, dirão alguns disciplinados: falta teoria! A ideia é tentar tratar das flexões (flexibilidades, do flexível e do flexionar, etc) que determinadas coisas têm, especialmente palavras, que ao serem desconsideradas impedem entendimentos outros sobre a maioria das muitas coisas que são produzidas por corpos em situação por fora dos temas oficiais. Ainda que sem nenhuma pretensão oficial, almejo apenas desconceituar as palavras em língua portuguesa, para o filosofar crítico-biogeográfico fronteiriço, porque os conceitos impostos às palavras em língua portuguesa nos impedem de pensar-sendo sobre as coisas que fazem parte de mundos de corpos di-(re)ferentes.

Palavras-chave: Re-flexões; Sem-teoria; Sem-disciplina; Pensar-Fazer-Sendo.

328

Resumen: Este texto pretende ser una *re-flexión* sobre algunas cosas, en realidad un poco de muchas cosas, pero sin pretender abarcar todo lo relacionado con el arte, la cultura y el conocimiento, para todos los cuerpos que se consideran di-(re)ferentes: diferentes y, al mismo tiempo, cuerpos que son referentes de las cosas que aquí se tratarán, ya sea por el aspecto de las cosas que se les niegan, ya sea por los aspectos de las cosas que estos cuerpos producen, pero que no son considerados por los sistemas de arte, cultura y educación. Estas *re-flexiones* no se limitarán al conocimiento académico, y menos aún a los conceptos que circulan en los espacios disciplinarios. Por eso, dirán algunos disciplinados: ¡falta teoría! La idea es tratar de abordar las flexiones (flexibilidades, lo flexible y lo doblar, etc.) que tienen ciertas cosas, especialmente las palabras, que al ser desconsideradas impiden otros entendimientos sobre la mayoría de las muchas cosas que son producidas por cuerpos en situación fuera de los *sis-temas* oficiales. Aunque sin ninguna pretensión oficial, solo aspiro a desconceptualizar las palabras en lengua portuguesa, para la filosofía crítica-biogeográfica fronteriza, porque los conceptos impuestos a las palabras en lengua portuguesa nos impiden pensar-ser sobre las cosas que forman parte de mundos de cuerpos *di-(re)ferentes*.

Palabras clave: *Re-flexiones*; Sin teoría; Sin disciplina; Pensar-Hacer-Ser.

Abstract: This text aims to be a *re-flection* on a few things, actually quite a lot of things, but without any pretense of being all about art, culture, and knowledge, for all bodies that are considered *di-(re)fferent*: different and at the same time bodies that are references for the things that will be discussed here, whether for the aspects of things that are denied to them, or for the aspects of things that these bodies produce, but which are not considered by the systems of art, culture, and education. Such *re-flections* will not be limited to academic knowledge, much less to concepts that circulate in disciplinary spaces. Because of this, some disciplined people will say:

there is a lack of theory! The idea is to try to address the flexions (flexibilities, the flexible and the flexing, etc.) that certain things have, especially words, which, when disregarded, prevent other understandings of most of the many things that are produced by bodies in *situAtions* outside official *sys-tems*. Although without any official pretensions, I only aim to de-conceptualize words in the Portuguese language for critical-biogeographical frontier philosophizing, because the concepts imposed on words in the Portuguese language prevent us from thinking-being about things that are part of worlds of *di-(re)fferent* bodies.

Keywords: Re-flexions; Without theory; Without discipline; Thinking-Doing-Being.

RE-FLEXÕES – *a partir do meu corpo di-(re)ferente*

O que são os conceitos se não definições – flexões – de palavras e ideias que dão, “supostamente”, maiores entendimentos sobre determinadas coisas e ideias que as palavras-conceitos “significam”. “Supostamente” e “significam”, grafo entre aspas, porque, de algum modo, infelizmente, em língua portuguesa essas flexões (flexibilizações, flexibilidades, flexionar das palavras e ideias) parecem se limitar ou estarem limitadas às definições impostas que foram e estão determinadas por outras línguas e ideias. Sejam baseados na ideia da correta grafia da norma culta da língua portuguesa, sejam porque optam em fechar-se em saberes disciplinares e disciplinados, dominadores, o fato é que entendidos da língua e da escrita em língua portuguesa limitam as re-flexões das ideias das palavras, mas também de artes, culturas e conhecimentos em saberes e fazeres padrões que de-limitam as ideias (significados) que as palavras iguais deveriam dar a entender nas ideias nas suas diferenças *biogeocorpográficas*.

329

Me recorre que todo o pensar binário que temos no contexto ocidental deriva da construção europeia da ideia de ser-um-outro diferente-divergente. Não restrito “apenas” ao entendimento do ser-outro enquanto corpo indivíduo, mas ampliando este agravamento à produção de arte, cultura e conhecimento ocidentais, resultantes desses ou daqueles, o fato de que determinados argumentos estabelecem certas características como padrões de ser-um, somos confrontados, desde então, com a ideia de que “um” ser-outro corpo, por exemplo, não é igual a ser-um-corpo, menos ainda seria possibilidade desse outro ser um-mesmo como igual (semelhante) na sua diferença.

Estou baseando este argumento inicial em algumas questões históricas que se colocaram como básicas, por exemplo, para as histórias locais de muitos lugares vistos como bárbaros no Ocidente: partindo dos princípios de raça, gênero e classe, mas também de fé, línguas e da ciência, estes como características

homogêneas para classificações qualitativas estabelecidas, desde o século XVI (mas arquitetados a partir do século VIII com a ideia de Idade Média), e, disseminados/difundidos como salvação por meio de processos de colonizações feitos por culturas europeias, aos continentes africano, asiático e americano, em que se constrói e defende-se a Europa como o Mesmo que deve ser/servir como o comparativo (ao que nos devemos comparar/ser comparados) em relação aos outros (de todos e de tudo no mundo) dos continentes diferentes ao europeu. Me convenço, cada vez mais, de que “[...] o colonialismo não é uma condição do passado, é uma condição do presente. O colonialismo não terminou com independência do Brasil; terminou apenas um tipo específico de colonialismo – o colonialismo histórico de ocupação estrangeira” (Santos, 2022, p. 11).

Nesse sentido, “esvaziar o cérebro” pode ter sido uma estratégia moderna deliberadamente criada pelas teorias modernas para levar o “outro” fronteiriço a encher seu pensamento (teorização) de conceitos migrados do repertório colonial formado pela mente brilhante do pensamento moderno ocidental, como deixa entrever Mignolo no final da referida passagem apostila como epígrafe. (A prática teórica empregada, ou mais especificamente a prática analítica empregada nas universidades fora dos grandes eixos, ainda reforça, em parte, essa prática que alimenta o repertório de conceitos na medida em que prioriza a repetição conceitual à exaustão, ignorando, por conseguinte, a prática do desprendimento epistêmico) (Nolasco, 2025, p. 17-18).

330

Igualmente, esse pensar dual recorrente/persistente no Ocidente, portanto, e hoje comumente exercido/reproduzido a partir desses princípios coloniais basilares elencados, além de classificar corpos-indivíduos não-europeus como ser-outro, também corroboram, e insistem, ainda no século XXI, com o julgamento comparativo das produções de artes, culturas e conhecimentos desses corpos *outros* como divergentes por não serem sequer comparáveis às produções respectivas dos que se colocaram/colocam e que nós mesmos também colocamos como padrões do que aceitamos como sendo os Mesmos. O pensar-comparando é sempre pensar o corpo, o indivíduo, o outro e as suas produções de arte, cultura e conhecimento a partir de padrões já estabelecidos. Enquanto o pensar-sendo, minha defesa para um pensar-fazer-sendo é estabelecer padrões de arte, cultura e conhecimentos a partir de corpos-indivíduos de quem se é.

E tais comparativos, entre o que é da ordem do ser-um-mesmo e do que é ser-um-outro, além de re-produzirem discursos que sustentam aspectos binários sobre corpos e objetos produzidos por esses, desqualificam qualquer diferença como divergência, sejam de histórias e lugares, mas seja também de

subjetividades. “São também dos *loci* de enunciação diferentes que emergem diferentes outros inícios da história que não foram devidamente contemplados pelo projeto autocentrado da modernidade” (Nolasco, 2025, p. 72). Uma espécie de padrão também de subjetividade (consciência) antecede quaisquer interpretações (históricas e geográficas) e ampliações (flexões) a partir de e sobre raça, gênero, classe, mas igualmente também sobre fé, línguas e de ciência, não diferente de arte, cultura e conhecimentos *outros* que se divergem das construções coloniais históricas padronizadas. Há, inconscientemente, no consciente ocidental uma predileção (imposta) pela opção aos aspectos classificatórios de modelos que definem ou se definem como padrões.

Deve-se observar que essa relação que se estabelece entre conhecimento, teorização e sua localização geoistórica somente se torna possível quando se considera os *loci* diferenciais de enunciação, dos quais se originam diferentes heranças coloniais, todas presididas pela exterioridade do pensamento colonial moderno. Em contrapartida, quando não se leva em conta os diferentes *loci* de enunciação, o que temos é a insistência e persistência de um único lócus de enunciação que afirma sua superioridade advinda da razão moderna (Nolasco, 2025, p. 74).

Quer dizer, para além de termos já estabelecidos padrões e características “físicos” que sustentam determinados corpos (indivíduos e/ou objetos) como ser-um-mesmo como um modelo de ser-ocidental. Inconscientemente, o pensamento binário pré-estabelece, em pleno século XXI, aspectos e prerrogativas subjetivos para tudo (físico ou não, material ou imaterial) que devem ser construídos ou constar como parte de tudo do outro que não é um ser-outro em relação ao ser-Mesmo. Pois, conscientemente esta questão sequer precisa ser evidenciada, já que se faz (sendo o-mesmo ou ainda que sendo um-outro) a opção pelo pensamento comparativo dual a partir do comparar-se em relação ao mesmo sendo outro a um-ser-outro em relação ao e a fim de ser-o-mesmo.

331

Tais questões, portanto, acabam por de-limitar a situação de tudo que é resultante de corpos outros e para todos os que são classificados dentro da ideia dual do que é ser outro-corpo enquanto indivíduo, por exemplo, que produz arte, cultura e conhecimento sendo outros-objetos em relação, até mesmo, ao mesmo objeto que é de-limitado como e em *condição* do que é ser o-mesmo. De-limitam as situações entre-fronteiras e/ou nas-fronteiras sem que essas sejam entre-fronteiras das diferenças (Bessa-Oliveira, 2025; 2025a). Lógico, como já disse, sejam esses objetos e indivíduos físicos, materiais, por exemplo, um objeto artístico ou um corpo de pessoa-*divíduo* negro/a ou indígena, respectivamente,

mas também como sendo outros corpos não classificáveis em raças, mas em gêneros e classes. Mas, igualmente, sejam esses aspectos imateriais, simbólicos ou imagináveis (fés, línguas e conhecimentos), artes e culturas a serem solidificados enquanto aparatos físicos, construídos, a de-finição de cada uma de suas situações já está (ainda antes de nascer) de-limitada em ser-um-outro *desprendido* e *desobediente* que nunca, me parece, poderá, sequer, ter ambicionado ser-o-mesmo sem ser por meio do pensamento binário-comparativo obediente e preso ao passado e a localidade hegemônicos.

Se o desprendimento significa mudar os termos da **conversa** (e, acima de tudo, as ideias hegemônicas sobre o que são o conhecimento e o entendimento), então a mudança de terreno é um momento fundamental nesse processo. Consequentemente, **o desprendimento é o ponto de partida para práticas e concepções da economia e da política, da ética e da filosofia, da tecnologia e da organização da sociedade**, nas quais não serão o progresso e o crescimento econômico, acima do bem-estar das pessoas, que motivarão nossas ações. O desprendimento é um despertar do sonho e da ilusão hegemônica do conhecimento e do entendimento — e do horizonte da vida — que têm sido regidos, desde o século XV e ao longo do mundo moderno/colonial, pelo que concebo aqui como as políticas teo-lógicas e ego-lógicas do conhecimento e do entendimento³ (Mignolo, 2010, p. 34, tradução livre minha, grifos meus).

332

Então, portanto, já insurgimos à vida ocidental, mais ainda nós nascidos em países que foram colonizados, como fora construída nossa história a partir dos projetos de colonização e das atuais colonialidades, esta acercada especialmente pelos aspectos mercantis-materiais, intrínsecos ao pensamento comparativo e moldados ao modelo de pensar binário que dualiza a nós mesmos. Desde o ventre, somente a título de exemplo disso, somos incumbidos de nascer masculino ou feminino; somos predestinados à determinadas características outras (de raça,

³ “Si el desprendimiento significa cambiar los términos de la conversación (y sobre todo, de las ideas hegemónicas sobre lo que son el conocimiento y el entendimiento), entonces el cambio de terreno es un momento fundamental en este proceso. En consecuencia, el desprendimiento es el punto de partida de prácticas y concepciones de la economía y la política, la ética y la filosofía, la tecnología y la organización de la sociedad en las cuales no será el progreso y el crecimiento económico, por sobre el bienestar de las personas, lo que motive nuestros quehaceres. El desprendimiento es un despertar del sueño y la ilusión hegemónica del conocimiento y del entendimiento –y del horizonte de vida– que han sido regidos, desde el siglo XV y a través del mundo moderno/colonial por los que concibo aquí como las políticas teo-lógicas y ego-lógicas del conocimiento y del entendimiento” (Mignolo, 2010, p. 34).

classe, fé, língua e ciência) que de-limitam as situações de nossos corpos físicos para não sermos, de fato, outros/as, menos ainda outras sequer como corpos imateriais. Nossas subjetividades já são forjadas, querendo nós ou não, quando ainda sequer podemos fazer opções por ser *um* ou *outro*. Pois, já somos “concebidos”, de-finidos, para ser-um-outro que nasce sabendo que não pode ser o-mesmo, menos ainda poderá ser um/o-outro.

Nós (refiro-me a você e a mim, leitor paciente) estamos entrando no terreno incontrolável da desnaturalização terminológica. **Isso implica que uma estratégia de desprendimento consiste em desnaturalizar os conceitos e os campos conceituais que totalizam UMA realidade⁴** (Mignolo, 2010, p. 34-35, itálico do texto, tradução livre minha, grifos meus).

Por que, então, diante desta nossa condição, não teríamos um pensamento baseado na lógica dualista de um-ser-outro em relação a um não-ser-o-mesmo, sobre arte, cultura e a produção de conhecimentos que nós mesmos produzimos? Por que não nos compararmos aos Mesmos ainda que sabemos não poder ser o-outro? Me recorre também, evidentemente, a partir disso ex-posto, que nos é impossível com-preender-nos capazes de produzir – ou propor situação – diferente e divergente às nossas produções de arte, cultura e conhecimentos que não sejam comparativos às produções daqueles que nos construíram como seus diferentes-já-inferiores por sermos divergentes. Não diferente, me parece que preferimos manter a comparação do que produzimos de arte, cultura e conhecimentos ao Mesmo ao contrário de buscarmos fazer deles referentes de nossos corpos das diferenças. Logo, pensar-fazer-sendo estabelecido a partir de quem se é enquanto corpo-*divíduo*.

Assim, como também venho afirmando faz algum tempo,

No entanto, desde o ano 2000, a situação tem mudado de maneira drástica. Em quase todas as partes do assim chamado Norte global (mas também no Sul global), as políticas e ideias reacionárias se tornaram mais visíveis e agressivas, com um impacto que não se limitou à academia, mas também se estendeu à vida política e social. Mais especificamente, essas ideias propõem concepções anti-igualitárias de supremacia racial e hierarquias autoritárias, exclusivistas e iliberais, tanto na política

⁴ “Nosotros (me refiero a usted y yo, lector paciente) estamos entrando en el incontrolable terreno de la de-naturalización terminológica. Esto implica que una estrategia de desprendimiento consiste en desnaturalizar los conceptos y los campos conceptuales que totalizan UNA realidad” (Mignolo, 2010, p. 34-35).

quanto na sociedade; defendem o racismo e o heteropatriarcado; e se destacam por suas apologias da política de extrema direita e do colonialismo histórico. Na maioria dos casos, a ideologia reacionária se apresenta sob a forma de visões apocalípticas e enfoques religiosos fundamentalistas [, além de perspectivas disciplinares modernas que defendem histórias e supostos valores universais]. Em resumo, as ideias reacionárias são o catecismo ideológico que sustenta o desejo de voltar a um mundo pré-moderno (Santos, 2022, p. 43).

Primeiro, tais impossibilidades de nos reconhecermos produtores de artes, culturas e conhecimentos nas diferenças ressaltam-se porque fazemos opção por ser um mesmo-outro que não podemos sê-lo. Caso, muitas vezes, das produções culturais que ainda ilustram o local e as diferenças por estereótipos naturais, por exemplo, (paisagens, corpos indígenas e afrobrasileiros, corpos não-binários, assistencialismos incluindo corpos deficientes, entre outras coisas). Acolhemos as designações do Mesmo de ser-um-outro, mas adestrados subjetivamente em buscar, constantemente, ainda que sabendo ser inalcançável, a possibilidade de ser-o-outro-mesmo e, igualmente, como se fôssemos capazes de produzir arte, cultura e conhecimentos comparáveis (iguais) àqueles deles. Este princípio, portanto, reforça a ideia de comparação que ressalta em determinadas produções não-europeias (continentais diferentes) características qualitativas daqueles padrões e de suas ex-tensões em objetos de arte, cultura e conhecimentos a fim de proliferar a subjetividade subalterna desses, mas também em corpos-sujeitos que sus-tentam ser-um-mesmo que nunca poderão sê-lo já que contemplam uma ideia binária que não possibilita ser o e sequer próximo ao mesmo.

Há, de fato, uma irmandade ou parentesco entre os protagonistas dos dois colonialismos que o Brasil viveu desde a sua fundação até hoje: o colonialismo histórico dos portugueses que ocuparam a colônia para se apropriar das suas riquezas, e o colonialismo interno que os descendentes dos portugueses e de outros europeus (por vezes, birraciais) mantiveram depois da independência, um colonialismo diferente, mas com algumas características muito semelhantes às do colonialismo original, tais como racismo, expropriação (roubo) de terras, extração desregulada dos recursos naturais, violência impune contra populações indígenas e afrodescendentes e até escravatura, que se manteve durante 66 anos depois da independência (Santos, 2022, p. 10).

Não é difícil re-tratar que, na mesma perspectiva de Boaventura de Sousa Santos, o Brasil intelectual descendente do colonialismo histórico português é, igualmente, irmanado ou parente do projeto colonizador moderno europeu quando nos referimos, também, aos conceitos homogeneizadores/hegemônicos persistentes na cultura acadêmica disciplinar tradicional brasileira. “A designação

de tradições intelectuais costuma ser um exercício de poder acadêmico, que, às vezes, é uma forma muito trivial de poder, como o poder departamental. Longe de elucidar as diferenças ou semelhanças, esse exercício tende a obscurecê-las ainda mais” (Santos, 2022, p. 33).

Em segundo caso, para aqueles que não fazem a opção de ser o-mesmo porque já sabem e têm consciência de que não podem de antemão sê-lo, estaríamos nós – o-outro – que têm toda sua produção de arte, cultura e conhecimentos, igualmente corpos, negados a possibilidade de existência. Por isso, lutamos por re-existência na exterioridade desse sistema. Ou seja, ainda que existindo, nossos corpos com nossas diferenças são colocados pelo pensamento binário como incapazes de produzir uma arte, uma cultura e conhecimentos que possam ser re-conhecidos enquanto produtores nas suas diferenças de objetos e/ou corpos sendo arte, cultura e conhecimentos, mas, menos ainda, esses em comparativos ao que é o-mesmo. Para aqueles, nós não existimos. Pois, nestes casos, para além de nós os-outros que produzimos arte, cultura e conhecimentos na diferença, as nossas produções e corpos ainda precisam sobre-viver aos crivos dos que fazem opção por ser-um-outro que in-sistem querendo ser o-mesmo a partir de seus sis-temas que presam pela permanência ao contrário de re-existências.

335

Todavia, como meu propósito, desde o início, é o de pensar por fora dessa visada crítica desestruturadora presidida pelo *boom* do sistema colonial moderno, de cujo pensamento sobressai a epistemologia moderna ocidental, resta-me concluir por ora que, **por mais que tais visadas críticas, como as mencionadas, flertem às vezes até mesmo com a teorização descolonial e respectiva epistemologia fronteiriça, não se desprendem totalmente da razão que rege o pensamento ocidental** (Nolasco, 2025, p. 77-78, grifos meus).

Os sistemas de arte, culturais e de produção de conhecimentos (Associações, Museus, Galerias, Fundações, Institutos, Escolas e Universidades, entre outros) foram construídos e ainda são mantidos sob a mesma lógica dual de resistência contra e em relação às diferenças que são, esses, meramente comparáveis como diferentes aos que são o-mesmo, e, camuflando a real intenção dos julgamentos sistêmicos do ser-um-outro como divergentes em relação ao-mesmo; logo, tornados inexistentes por serem/sermos supostamente incapazes. Assim, aquela primeira ideia colocada de que fomos construídos já a partir de uma ideia de pensar o diferente pela ótica binária que impede a re-flexão das ideias e das palavras nas diferenças, comparativa entre o ser-outro e ser-um-mesmo, pior,

igualmente, sustenta os sistemas que classificam o que é arte, cultura e conhecimentos, mas, pior ainda, a fim de classificar para camuflar comparativamente o que é da ordem de ser um corpo produtor de arte, cultura e conhecimentos no Ocidente a partir do padrão modelo e não do corpo referente.

O pensamento dual no Ocidente também toma partido da situação geográfica dos lugares, não se limitando à condição histórica construída para os diferentes lugares a partir da história de colonização arquitetada pela Europa, mais ainda em contextos mais fronteiriços em relação às geografias dos lugares centrais nos espaços periféricos. “Precisamos desmetaforizar o pensamento ocidental moderno para assim desfazer a grande história (falácia) moderna criada acerca do outro da periferia no ocidente” (Nolasco, 2025, p. 67). As histórias e as geografias dos lugares diferentes da Europa são anuladas para sustentação de uma opção única desses. Há, igualmente, uma propensão nesses lugares situados nos limiares das suas áreas territoriais que fazem as constituições de seus limites e fronteiras alheios aos centros que, quanto mais se situam a sua longe-vivência e *experi vivência* do centro de si mesmo, mais reproduz-se os dualismos produzidos nos centros sobre história e geografia Uni-versais. Um corpo, por exemplo, que habita o espaço dessa linha geográfica fronteiriça, mesmo sendo este um espaço pertencente ao mesmo espaço que produz o centro desse espaço-fronteira, é quanto mais um sujeito-outro sem corpo capaz de ser produtor de arte, cultura e conhecimento. Mas, em muitos casos, são os mesmos não-corpos que buscam ser-o-mesmo que o desqualifica como corpo-outro.

Estou dizendo tudo isso para reforçar que, por mais que nós tenhamos consciência e até conhecimento de **um pouco de muita coisa neste mundo das diferenças**, mais ainda, e mesmo assim **sem termos a pretensão de ser e saber tudo sobre arte, cultura e conhecimento, para muitos, se não para todos os corpos di-(re)ferentes** (negros, pretos, gays, lésbicos, não-heteronormativos, mas também infantis, idosos, gordos demais, magros demais, baixos ou altos em excesso, etc), os corpos diferentes e referentes das diferenças, que faltam entendimentos sobre suas produções que não se baseiem em im-pressões dualismos com-paratistas (paralisadas/paralisantes) para compreensão das suas diferenças, seja de seus corpos sendo-outros, sejam de suas produções de artes, culturas e conhecimentos diferentes/referentes. Quer dizer: a compreensão binária também sobre ser-um-corpo e não-ser-corpo, graças aos mesmos padrões coloniais, ainda hoje impede compreender as produções dos corpos das diferenças

sem com-pará-los porque esses não são entendidos como sendo-outros corpos capazes de pensar-fazer-sendo tudo.

Vai parecer absurdo o que vou dizer, mas precisamos descolonizar os nossos cérebros para, assim, conseguirmos pensar em flexões diferentes das palavras e ideias que já têm re-flexões definidas no imaginário subjetivo e na materialidade da língua e da escrita em língua portuguesa; e esses nos impedem re-conhecermos outras flexibilizações, flexões e o flexionar de palavras e ideias que não são reconhecidas pelos conceitos que são reduzidos em palavras e ideias oficiais de norma culta ou de opção disciplinar. Enfim, precisamos desconceituar as palavras em língua portuguesa, para, assim, conseguirmos alcançar o filosofar crítico-*biogeográfico* fronteiriço. Porque os conceitos atribuídos às palavras e ideias para definir as produções de arte, cultura e conhecimento, a partir da ideia de norma cultura da língua portuguesa, com base em línguas e ideias oficiais conceituados por e em línguas e ideias estrangeiras hegemônicas nos impedem de pensar-sendo a partir de corpos di-(re)ferentes como corpos *biogeocorpográficos*. É neste sentido, portanto, que qualquer afirmativa conceitual *dia-lética*, ainda que intencionalmente constituída pelo projeto europeu de conquista e glória do Mundo não contempla a ideia *ana-lética* de conversa a partir de e entre corpos e mundos das diferenças como sendo Outros.

337

Logo,

Esta ana-lética não leva em conta somente o rosto sensível do outro (a noção hebraica de *basar*, “carne”, indica adequadamente o ser unitário inteligível-sensível do homem, sem dualismo de corpo-alma), do outro antropológico, mas exige igualmente colocar faticamente a “serviço” do outro um trabalhador (para além, mas assumido o trabalho que parte da “necessidade” de Marx). A analética antropológica é então uma economia (um pôr a natureza a serviço do outro), uma **erótica** e uma política. O outro nunca é um só, mas também é sempre “vós”. Cada rosto no **face-a-face** é igualmente a epifania de uma família, de uma classe, de um povo, de uma época da humanidade e da própria humanidade como um todo, e ainda mais, do outro absoluto. **O rosto do outro é um aná-logos; ele é a “palavra” primeira e suprema, é o dizer em pessoa, é o gesto significante essencial, é o conteúdo de toda significação possível em ato.** A significação antropológica, econômica, política e latino-americana do rosto é nossa tarefa e nossa originalidade. **Dizemos sincera e simplesmente: o rosto do pobre índio dominado, do mestiço oprimido, do povo latino-americano é o “tema” da filosofia latino-americana. Este pensar ana-lético, porque parte da revelação do outro e pensa sua palavra, é a filosofia latino-americana, única e nova, a**

primeira realmente pós-moderna e superadora da europeia. Nem Schelling, nem Feuerbach, nem Marx, nem KierKegaard, nem Levinas puderam transcender a Europa. Nós nascemos fora, e a temos sofrido. Abruptamente a miséria se transforma em riqueza! Esta é a autêntica filosofia da miséria que Proudhon teria querido escrever. “É toda uma crítica de Deus e do gênero humano” (Proudhon, 1964, p. 45). **É uma filosofia da libertação da miséria do homem latino-americano, mas e ao mesmo tempo, é ateísmo do deus burguês e possibilidade de pensar um Deus criador, fonte da própria libertação** (Dussel, 1986, p. 197, itálicos do texto, negritos meus).

Na mesma direção, continua Enrique Dussel:

O **próprio do método dialético positivo, que assume corretamente o momento** (a isto chamamos “método analítico”) ana-lético é ser **intrinsicamente ético e não meramente teórico, como o é o discurso ôntico das ciências ou ontológico da dialética**. Isto é, a aceitação do outro como outro significa já uma opção ética, uma escolha e um compromisso moral: é necessário negar-se como totalidade, afirmar-se como finito, ser ateu do fundamento como identidade. [...]. Neste caso o filósofo, antes de ser um homem inteligente, é um homem eticamente justo; é bom, é discípulo. É necessário saber situar-se no face-a-face, no *éthos* da libertação, para que se deixe o outro ser outro. O silenciar da palavra dominadora; a abertura interrogativa à pro-vocação do pobre; o saber permanecer no “deserto” como ouvido atento já é opção ética. **O método ana-lético, então, inclui uma opção prática histórica prévia. O filósofo, aquele que quer pensar metodicamente, deve já ser um “servidor” comprometido com a libertação.** O tema a ser pensado, a palavra reveladora a ser interpretada ser-lhe-ão dados na história do processo concreto da própria libertação. Essa palavra, esse tema não podem ser lidos (não são um “serviço”: *idéia* ou luz). São escutados no campo cotidiano da história, do trabalho, e ainda no campo da batalha da libertação. **O saber-ouvir é o momento constitutivo do próprio método; é o momento disciplinar do filosofar; é a condição de possibilidade do saber-interpretar para saber-servir (a erótica, a pedagógica, a política, a teológica).** A conversão ao pensar ontológico é morte à cotidianidade. A conversão ontológica é ascensão a um pensar aristocrático, de poucos, ao pensar de Heráclito que se opõe à opinião dos “demais” (*hoi polloi*). **A conversão ao pensar ana-lético ou meta-físico é exposição a um pensar popular, dos demais, dos oprimidos, do outro fora do sistema; é contudo um poder aprender o novo.** O filósofo ana-lético ou ético deve descer de sua oligarquia cultural acadêmica e universitária para *saber-ouvir* a voz que vem de mais além, do alto (*aná-*), da exterioridade da dominação (Dussel, 1986, p. 198-199, itálicos do texto, negritos meus).

O sujeito da totalidade, ao qual Dussel se refere como o filósofo, que eu o reconheço como e no indivíduo acadêmico intelectual disciplinado “contemporâneo” – formado, mantenedor e formador nos pensamentos moderno e pós-moderno, pensadores/intelectuais disciplinares universitários, seja na Europa ou nos Estados Unidos, seja ainda no Brasil ou até mesmo em muitos lugares na América Latina – pensa que sabe tudo sobre o mundo: do seu suposto mundo e dos outros mundos todos. Pior ainda, pensa saber baseado em uma ideia conceitual sobre os mundos e sobre tudo desses mundos que foi forjada a partir de um único mundo. Um modelo de mundo que se quer comparado como sendo um mundo da totalidade como perfeição. Esse sujeito da totalidade é cego e surdo, evidentemente, e insensível para os corpos e as vozes das diferentes ana-léticas que compõem mundos e tudo desses mundos outros e que são compostas por corpos e subjetividades *outros*, mas também por artes, culturas e conhecimentos, histórias e geografias *outras*, igualmente conceitos e re-flexões com sentidos *outros* das diferenças que são diferentes dos seus correspondentes também de totalidades eleitas.

Os historiadores [/pensadores] do Terceiro Mundo sentem a necessidade de referir-se a obras sobre a história européia; os historiadores da Europa não sentem qualquer necessidade de retribuir... “Eles” produzem sua obra em relativa ignorância das histórias não-ocidentais, e isso não parece afetar a qualidade de seu trabalho. Esse é um gesto, entretanto, que “nós” não podemos devolver. Nem podemos nos dar ao luxo de uma igualdade ou simetria de ignorância no nível deles sem correr o risco de parecer “fora de moda” ou “superados” (Chakrabarty, 1992a: 2 apud Mignolo, 2003, p. 280).

339

Nesta perspectiva, o *face-a-face analético* não existe porque esse sujeito da totalidade acadêmico-disciplinar opta pela dialética moderna que lhe dá, teoricamente, *ipsis litteris*, a crença de que é o maior dominador de conceitos e palavras do que aqueles que deles fazem usos em seus corpos e subjetividades cotidianamente, simplesmente porque pensa dominar teórico e criticamente a definição (não re-flexão, como quero) do conceito de mundo e das coisas do mundo. Esse sujeito é o dialeto por natureza imposta. Enquanto o sujeito da ana-lética é o aquele de Natureza posta. Portanto, o diálogo – pretensa de suposta existência de outro (ouvinte, quando muito) na ótica dialética moderna e pós-moderna – é anulado e inexistente se não for em concordância comparativa com aquele que dirige, estabelece-se, conduz o suposto conceito ao diálogo apenas a partir de si. Evidentemente, portanto, aquele diálogo conceitualmente reconhecido por nós nas academias, que supõe a ideia de existência de dois, ao menos, em debate, não

existe na perspectiva moderna e, quando muito, também, na perspectiva pós-moderna; este outro é apenas ouvinte das autoridades/totalidades do mesmo sobre tudo e por meio do Mesmo que é o condutor da palavra, mas esta sem flexibilidades, da ausência do flexível e inexistência do flexionar, entre outras variações interculturais possíveis de conceitos, porque essa não varia diferentemente do conceito/entendimento da totalidade estabelecido.⁵

Assim como a dialética moderna/pós-moderna está para esta ideia de diálogo da totalidade – sem a presença de um outro com voz e corpo, pois é uma dialética-dialógica de e por meio de si para si mesmo –, a ana-lética está para a conversa descolonial, por exemplo, como proposta de flexibilização da palavra-ideia conceitual de diálogo (dialético) para conversa-ana-lética. Primeiro porque, como dito, o conceito de diálogo dialético moderno/pós-moderno não admite a presença de Um-Outro que Pensa para Fazer-Sendo (que tenha pertença) e, em segundo lugar, porque a própria palavra conversa já traz em si a presença e pertença (indissociáveis) do-Outro de mais que um Mesmo dialógico. Pois, ainda que no singular a palavra conversa enquanto conceituação-entendimento intercultural já apresenta a existência de dois ou mais corpos e vozes; con-versa: quer dizer, *con*, o que evidencia a presença de Um-Outro enquanto sendo-corpo em si e para outros, e, *versa* que é, analítico-conceitualmente, a ideia de expressão de voz própria desse corpo-outro com e para outro. Logo, con-versa-ana-lética está para **corpos di-(re)ferentes**. Con-versa descolonial, portanto, é ainda, nesta direção ana-lética, a expressão que se constitui enquanto pensar-sendo que evidencia, por meio da compreensão de si como um sujeito da incompletude – porque demanda a presença do Outro *para além do rosto sensível* (como também define Dussel) –, já que demanda a presença/pertença de corpos/subjetividades outros, evidentemente, sendo oposto à ideia de completude totalitária do sujeito dialético da totalidade. Con-versa é, por conseguinte, a presença daquele corpo sendo-Outro que, também, é a pertença, **corpo di-(re)ferente**, pois este é um corpo que igualmente fala (faz-sendo) analeticamente na con-versa ana-lética como outro e com outros.

⁵ A interculturalidade é pensada aqui a partir de Catherine Walsh que discute uma grande diferença entre “interculturalidade crítica”, minha intenção, e a “interculturalidade funcional”, esta, normalmente utilizada por governanças em prol da sustentação do outro como mero diferente.

Esta re-flexão (flexibilização) do conceito diálogo dialético da totalidade para conversa da analética da incompletude como descolonialidade evidencia-nos, certamente, a presença e pertença desses Outros. E, igualmente, acaba por nos deixar muito claro que os conceitos na atualidade ainda estão restritos aos projetos moderno e pós-moderno do Mesmo quando compreendidos/pensados/proferidos, nas suas totalidades e a partir da disciplinaridade, ainda que com algumas variações dentro desses mesmos padrões dominadores de corpos e subjetividades, por inflexibilidades. Assim, em nosso caso na América Latina, é possível afirmar que corpos e vozes outros – indígenas, negros, asiáticos, não-heteronormativos, de fés não cristãs, falantes de línguas não hegemônicas e produtores de conhecimentos por meios diferentes da ciência moderna, entre outros e outras que compõem prováveis categorias mesmo aqui inclassificáveis, de algum modo – têm mundos e modos outros de interpretar/viver sobre mundos e sobre tudo desses mundos que os conceitos/pensamentos dos projetos moderno e pós-moderno sobre o mundo não contemplam. Logo, é impossível sequer comparar-nos como diferentes em relação ao Mesmo, pois,

O outro, para nós, é a América Latina em relação à totalidade européia; é o povo pobre e oprimido da América Latina em relação às oligarquias dominadoras e, contudo, dependentes. O método do qual queremos falar, o *ana-lético*, vai mais além, mais acima, vem de um nível mais alto (*aná*) que o do mero método *dia-lético*. **O método dia-lético é o caminho que a totalidade realiza em si mesma: dos entes ao fundamento e do fundamento aos entes.** Trata-se agora de um método (ou do domínio explícito das condições de possibilidade) que parte do outro enquanto livre, como um além do sistema da totalidade; **que parte, então, da sua palavra, da revelação do outro e que con-fiado em sua palavra, atua, trabalha, serve, cria.** O método dia-lético é a expansão dominadora da **totalidade desde si**; a passagem da potência para o ato de “o mesmo”. O método analítico é a passagem ao justo crescimento da **totalidade desde o outro** e para “servi-lo” criativamente (Dussel, 1986, p. 196, itálicos do texto, negritos meus).

341

Na mesma direção da re-flexão feita antes do conceito ana-lético de conversa descolonial, por conseguinte, é possível re-fletirmos e criarmos “conceitos ana-léticos” vários sobre e a partir da palavra do outro *con-fiado em sua palavra*. Quer seja, o outro além de estar de corpo e subjetividade inteiros na sua palavra (Pensar-Fazer-Sendo) porque está *con*, em suas afirmações sobre o seu mundo e sobre as muitas coisas desse mundo; é o provedor, a voz que fia, que dá fiança (aval) porque é confiado a partir e sobre esse mundo que ocupa com o

corpo todo e das suas coisas todas porque é dele/nele que se relaciona com outros mundos. Logo, uma con-versa ana-lética descolonizada que se dá por meio de corpos diferentes e escuta corpos outros, subjetividades outras em con-fiança – con-afiançados – às e de outros mundos, corpos e subjetividades. A palavra, por conseguinte, para esses corpos das diferenças, em muitos casos, não basta – por exemplo, as narrativas ex-postas por comunidades indígenas latinas e por comunidades africanas, quase sempre impressas em seus corpos físicos por meio de imagens e/ou formas e símbolos –, consubstanciados como suas *biogeocorpografias*: sujeito, espaço, especificidade e narrativas – que se evidenciam por meio da imagens, ou, por meio de narrativas visuais, com visualidades ex-pressas através de formas, cores, im-pressões, texturas, emoções, sensações contando suas histórias e memórias. Portanto, quem sabe não seja a ora de também ler o mundo por meio de imagens *biogeocorpográficas*? Uma “leitura”, claro, não baseada no signo semiótico restrito à modernidade/pós-modernidade. Mas, por meio do signo representado na e a partir das culturas nas quais essas imagens emergem e que, evidentemente, não têm palavras-conceitos que as definem, mas que podem de-finí-las; dando-as um fim no sentido dialógico dialético.

342

Do mesmo modo, como exercício ana-lético de conversa descolonial, com e a partir do Outro, poderíamos discutir as palavras-conceito comparada e comparar, esta, ainda, se comparar-se ou se se comparar. Pois, podemos desenvolver uma conversa descolonial analeticamente (Eu contigo (o outro), Vocês comigo), ao contrário do diálogo dialético moderno/pós-moderno, (Eu comigo ou Vocês consigo mesmos), já que Eu consigo e Vocês (leitores/as interessados/as) conseguem desprenderem-se e desobedecer às teorizações e/ou conceituações moderno/pós-modernos, pois, assim, vivemos face-a-face com Um Outro. Proponho, por exemplo: comparada = com(quem?)-parada(estagnada onde e quando?) e comparar = com(quem?)-parar(deixar de), esta, ainda, se com-parar-se da lógica de querer ser o-Mesmo ou se se com-para de reproduzir, mais do mesmo, em conformidade com aquele. Portanto, parafraseando Dussel, se o método dialético anula a existência do Outro porquê assume-se como totalidade, o “método ana-lético” é ser *intrinsecamente ético e não meramente teórico, como o é o discurso ôntico das ciências ou ontológico da dialética*. Questiona-se, o tempo todo, a presença/pertença do outro e de mundo e das coisas desse mundo outros.

Referências

ACHINTE, Adolfo Albán. Comida y colonialidad: tensiones entre el proyecto hegemónico moderno y las memorias del paladar. GOMEZ, Pedro Pablo; (Et.al.). **Arte y estética en la encrucijada descolonial II.** Compilado por Pedro Pablo Gomez. 1^a ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, 57-76. (El desprendimiento / Walter Mignolo).

ACOSTA, Alberto. **O bem viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **FRONTEIRAS NA ARTE. ARTE A PARTIR DE FRONTEIRAS. PENSAMENTO DESCOLONIAL DA EXTERIORIDADE. PARA DESCOLONIZAR O PENSAMENTO NA/A PARTIR DE FRONTEIRA E ARTE..** 1. ed – Londrina, PR: Editora Sorian, 2025. 150 p. ; 10x15cm. Coleção SituAção da Arte: filosofar crítico biogeográfico fronteiriço – Volume 2.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **FRONTERAS EN EL ARTE. ARTE DESDE LAS FRONTERAS. PENSAMIENTO DECOLONIAL DE LA EXTERIORIDAD. DESCOLONIZAR EL PENSAMIENTO EN/DESDE LA FRONTERA Y EL ARTE..** COLECCIÓN - SituACIÓN del Arte: filosofar biogeográfico crítico en la frontera. 1. ed. Chișinău, MD: Eliva Press SRL, 2025a.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **ARTE E TRABALHO. ARTE COMO TRABALHO. TRABALHO DA ARTE..** 1. ed – Londrina, PR: Editora Sorian, 2024. 126 p. ; 10x15cm. Coleção SituAÇÃO da Arte: filosofar crítico biogeográfico fronteiriço – Volume 1.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **ARTE Y TRABAJO. EL ARTE COMO TRABAJO. EL TRABAJO DEL ARTE..** COLECCIÓN - SituACIÓN del Arte: filosofar biogeográfico crítico en la frontera. 1. ed. Chișinău, MD: Eliva Press SRL, 2024.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. DESCOLONIZAR O PENSAMENTO PARA DESPRENDER-SE DO COMPARAR, E, PARA NÃO TEORIZAR DECOLONIAL COMO APREENDIDO: comparar-se é um ato de fraqueza. **Cadernos de Estudos Culturais: LITERATURA COMPARADA DESCOLONIAL.** v. 1 n. 30, 2024b, p. 165-201. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/22077>. Acesso em: 25 out. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, M. A. Arte. Natureza. Corpo. Biogeocorpografias de vidas e de mundo: Arte. Naturaleza. Cuerpo. Biogeocorpografias de las vidas y del mundo. **Revista**

Cocar, [S. l.], n. 23, 2024c. Disponível em:

<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7937>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, M. A. A UNIVERSIDADE E A ARTE TRANS-FORMAM (PARA) A(S) VIDA(S). **SciELO Preprints**, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6312. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6312>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BESSA-OLIVEIRA, M. A. SEMINÁRIOS. DISCIPLINAS. EXPERIVIVÊNCIAS DESCOLONIAIS. PROCESSOS TRANS-FORMATIVOS DE PROFESSORES/AS DE ARTE. **SciELO Preprints**, 2023a. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6658. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6658>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, M. A. ARTE E TRABALHO. ARTE COMO TRABALHO. TRABALHO DA ARTE.. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 55, n. 55, 2023b. DOI: 10.19179/rdf.v55i55.1212. Disponível em:
<https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1212>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BESSA-OLIVEIRA, M. A. O CORPO E A GEOPOLÍTICA DA TECNOCOLONIZAÇÃO, TECNOCOLONIALIDADE DO CORPO NA ARTE, NA CULTURA E NA EDUCAÇÃO! (2ª PARTE). **SciELO Preprints**, 2023c. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6399. Disponível em:
<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6399>. Acesso em: 17 set. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “A LÍNGUA É O CHICOTE DO CORPO”. VIVER ENTRE-LÍNGUAS. DESCOLONIALIDADE. DESLINGUAJAMENTO. **Acervo do autor**, 2023. (Texto no prelo).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. PENSAMENTO DESCOLONIZADO COMO RE-EXISTÊNCIA DE PASSADO NA ARTE: PENSAR-NÃO-SENDO EUROPEU.. **(Re)existências: anais do 30º encontro nacional da ANPAP**. Anais...João Pessoa(PB) ANPAP, 2021. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/371014-PENSAMENTO-DESCOLONIZADO-COMO-RE-EXISTENCIA-DE-PASSADO-NA-ARTE--PENSAR-NAO-SENDO-EUROPEU>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. ARTE E COVID-19 EM/ENTRE NÓS – EM MIM, EM VOCÊ, ENTRE NÓS E NOS OUTROS/OUTRAS CORPOS: CRIAÇÕES ARTÍSTICAS EM ARTES VISUAIS.. **(Re)existências: anais do 30º encontro nacional da ANPAP**. Anais...João Pessoa(PB) ANPAP, 2021a. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/371016-ARTE-E-COVID-19-EMENTRE-NOS--EM-MIM-EM-VOCE-ENTRE-NOS-E-NOS-OUTROSOUTRAS-CORPOS--CRIACOES-ARTISTICAS-EM-ARTE>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Os estudos comparativos não são pensamento descolonizado: arte, cultura e produção de conhecimentos biogeográficos fronteiriços. **Nemityrā**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 51–67, 2021b. DOI: 10.47133/NEMITYRA2021200A5. Disponível em: <https://revistascientificas.una.py/index.php/nemityra/article/view/2464>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, M. A. Arte, cultura, educação, COVID-19 & o pensamento descolonial crítico biogeográfico fronteiriço: por uma pedagogia/filosofia da libertação de corpos, almas e fazeres culturais. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1964–1995, 2021c. DOI: 10.20396/rfe.v13i1.8662003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8662003>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O CORPO E A GEOPOLÍTICA DA TECNOCOLONIZAÇÃO, TECNOCOLONIALIDADE DO CORPO na Arte, na Cultura e na Educação! (1ª Parte). **Cadernos de Estudos Culturais** - Despoéticas, despolíticas, desobediências, v. 2 n. 24, 2020, p. 161-184. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13045>. Acesso em: 17 set. 2024.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. PEDAGOGIAS da diversalidade. **Cadernos de Estudos Culturais**: Pedagogias Descoloniais, Campo Grande, MS, v. 1 n. 21, 2019, p. 61-85. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9691>. Acesso em: 27 fev. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Artista, professor, pesquisador: uma matéria em questão nas artes. BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. (Org.). **NAV(r)E – Pesquisa e Produção de Conhecimento em Arte na Universidade**: artista, professor, pesquisador. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018, p. 255-266.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. COMITÊ GESTOR DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E REFORMA DO ENSINO MÉDIO, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 set. 2018.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 nov. 2024.

CABRAL, Raquel; GEHRE, Thiago. (Orgs.). **Guia agenda 2030**: integrando ODS, educação e sociedade. Ilustração Lucas Fúrio Melara. 1. Ed.. São Paulo: Lucas Fúrio Melara: Raquel Cabral, 2020. PDF.

CE/CEPE-UEMS – CÂMARA DE ENSINO DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Regulamento para creditação das atividades acadêmicas de extensão e cultura**

universitária nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação da Universidade

Estadual de Mato Grosso do Sul. Nº 309, de 30 de abril de 2020. Disponível em:

<https://www.uems.br/pro-reitoria/proec/DIVISAO-DE-EXTENSAO/Normas-da-Extensao>. Acesso em: 07 jun. 2023.

DUSSEL, Enrique. **1492**: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências em Frankfurt. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique D.. **Método para uma filosofia da libertação**: superação analética da dialética hegeliana. Tradução Jandir João Zanotelli. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1986.

DUSSEL, Enrique D.. **Filosofia da libertação**: filosofia na América Latina. Tradução Luiz João Galo. São Paulo: SP, Edições Loyola; Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1977. Coleção REFLEXÃO LATINO-AMERICANA – 3, I.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus – AM: Imprensa Universitária, maio de 2012. Disponível em:

<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 09 out. 2023.

346

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda, 1967.

GÓMEZ MORENO, Pedro Pablo. MIGNOLO, Walter. **Estéticas decoloniales** [recurso electrónico]/Pedro Pablo Gómez, Walter Mignolo.- Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

HISSA, Cássio E. Viana. (Org.). **Conversações**: de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. (Humanitas).

_____. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. (Humanitas).

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização Rita Carelli. 1ª ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LORCA, Javier. Entrevista a Walter Mignolo, profesor e investigador de la Universidad de Duke “El control de los cuerpos y los saberes”. **Página 12**. Universidad | Martes, 8 de julio de 2014, p. 1-2. Disponível em:

<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/universidad/10-250276-2014-07-08.html>.

Acesso em: 08 jul. 2014.

LOSACCO, José de Jesús Romero. El giro decolonial: aportes para uma semiótica decolonial transmoderna. **Proceedings of the 10th World Congress of the International Association for Semiotic Studies (IASS/AIS)**. Universidade da Coruña (España / Spain), 2012. ISBN: 978-84-9749-522-6, pp. 679-694. Disponível em: https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/13368/CC-130_art_68.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 03 set. 2024.

LUGONES, María. Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial. MIGNOLO, Walter ... [et.al.]. **Género y descolonialidad**. Walter Mignolo... [et.al.]; compilado por Walter Mignolo. 2a ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 13-42. (El desprendimiento/ Walter Mignolo).

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre a colonialidade do ser**: contribuições para o desenvolvimento de um conceito. 1. Ed.. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MIGNOLO, Walter D.. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. **Revista Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, PR. V.1, n.1, 2017, p. 12-32. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 27 fev. 2024.

347

MIGNOLO, Walter D.. **HABITAR LA FRONTERA**: Sentir y pensar la descolonialidad (Antología, 1999-2014). Francisco Carballo y Luis Alfonso Herrera Robles (Prólogo y selección). Interrogar la actualidad, n.o 36. Edicions Bellaterra, S.L., Barcelona, 2015.

MIGNOLO, Walter. Prefacio. PALERMO, Zulma; [et.al.]; **Des/decolonizar la universidad**. compilado por Zulma Palermo. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015a, p. 7-14.

MIGNOLO, Walter. El fin de la universidad tal como la conocemos: foros mundiales hacia futuros comunales y horizontes descoloniales de vida. PALERMO, Zulma; (Comp.). **Des/decolonizar la universidad**. 1a. Ed.. Cuidad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015a, p. 85-102.

MIGNOLO, Walter. **El vuelco de la razón**: diferencia colonial y pensamiento fronterizo. 1^a ed.. Buenos Aires: Del Signo, 2011.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de a colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires - Argentina: Ediciones del Signo, 2010. Colección RAZÓN POLÍTICA.

MIGNOLO, Walter D.. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. SANTOS, Boaventura de

Sousa. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004, p. 667-709.

MIGNOLO, Walter D.. **Histórias locais / Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

NOLASCO, Edgar Cézar. **Literatura Comparada Descolonial**. 1. Ed.. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025; figs.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Perto do coração selvaje da crítica fronteriza**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

PALERMO, Zulma. **Para una pedagogia decolonial**. 1^a ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. (El desprendimiento / Walter Mignolo).

PALERMO, Zulma.. (Comp.). **Arte y estética em la encrucijada descolonial**. Prefacio Walter Mignolo. 1^a ed.. Buenos Aires: Del Signo, 2009.

QUIJANO, Aníbal. **Aníbal Quijano**: ensayos en torno a la colonialidad del poder. Compilado por Walter Mignolo. 1^a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019. (El desprendimiento/ Mignolo, Walter).

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. 80 p.

348

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar**: abrindo a história do presente. Tradução de Luis Reyes Gil. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora; São Paulo, SP: Boitempo, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1. ed.; 1. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; HISSA, Cássio E. Viana. Transdisciplinaridade e Ecología de Saberes. HISSA, Cássio E. Viana. (Org.). **Conversações**: de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 17-34. (Humanitas).

WALSH, Catherine. **Agrietar la Uni-versidad**. Reflexiones interculturales y decoloniales *por/para* la vida. Compiladorxs: Rene Olvera Salinas, Víctor Torres Leal y Patricia Roitman Genoud. Universidad Pedagógica Nacional, Santiago de Querétaro, Querétaro, México; Lengua de Gato Ediciones, 2023.

Artigo Recebido em: 17 de setembro 2025.

Artigo Aprovado em: 25 de outubro de 2025.